



A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONCEITO DE PLANEJAMENTO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UM GRUPO DE ALUNAS DO CURSO DE MAGISTÉRIO

Juliano Bona

Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB)
bonajuliano@gmail.com

Rosangela Cristina Machado Bertram

Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB)
rcmbertram@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo trata sobre a influência do senso comum na construção do conceito de planejamento. O objetivo deste artigo é discutir esta influência e compreender como um grupo de alunas do curso de magistério apreende saberes vinculados ao planejamento educacional que circula no senso comum. A base metodológica está vinculada ao paradigma qualitativo de investigação nos moldes de pesquisa participante. Os registros analisados foram obtidos através de apontamentos feitos por estas alunas, futuras professoras, a partir de uma discussão, em sala de aula, sobre o que é planejar. A base teórica se relaciona à Teoria das Representações Sociais e aos Estudos sobre Planejamento educacional. Objetiva-se, com isso, compreender a construção das representações sociais de planejamento, através dos processos de objetivação e ancoragem e identificar os diferentes conceitos de planejamento compartilhados na sociedade e no espaço escolar. Há dois aspectos relacionados ao planejamento que são apontados neste artigo. O primeiro é a influência do processo de racionalização das sociedades capitalistas gerando núcleos figurativos em que os saberes sobre planejamento educacional estão atrelados. O segundo enfoque aponta para o planejamento no espaço escolar e a maneira com que as idéias a ele relacionadas são ancoradas pelos sujeitos. Os registros apontam para uma elaboração conceitual de planejamento, ancorada em saberes e práticas de organização e racionalização do trabalho escolar. No espaço escolar estes saberes se objetivam no planejamento das rotinas na escola. É possível notar, através deste estudo, que as alunas formam um campo representacional compartilhado racionalizando os saberes ligados ao planejamento, criando um sentimento de pertencimento em relação ao grupo.

Palavras-chave: Aprendizagem, Representações sociais, Planejamento.



ABSTRACT

This article treats on the influence of the common sense in the construction of the planning concept. The objective of this article is to discuss this influence and to understand as a group of students of the teaching course apprehends know linked to the planning that circulates in the common sense. The methodological base is linked to the qualitative paradigm of investigation in the molds of participant research. The analyzed registrations were obtained through notes done by these students, future teachers, starting from a discussion, in classroom, on the one that is plan. The theoretical base links to the Theory of the Social Representations and the Studies about Planning, aiming at to understand the construction of the social representations of planning, through the objectivation processes and anchorage and to identify the different planning concepts shared in the society and in the school space. There are two aspects related to the planning that are pointed in this article. The first is the influence of the process of rationalization of the capitalist societies generating figurative nuclei in that you know them about planning are harnessed. The second focus appears for the planning in the school space and the way with that the ideas to him related they are anchored by the subjects. The registrations appear for a conceptual elaboration of planning, anchored in you know and organization practices and rationalization of the school work. In the school space these you know if they aim at in the planning of the routines in the school. It is possible to notice, through this study, that the students form a field shared representacional rationalizing them know linked to the planning, creating a pertencimento feeling in relation to the group.

Key-words: Learning, Social representations, Planning.

PALAVRAS INICIAIS

Este artigo pretende discutir como um grupo de alunas do curso de Magistério-Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, apreende alguns saberes ligados a planejamento. Essas alunas frequentam uma escola pública, da rede estadual de ensino na cidade de Timbó, situada no Médio Vale do Itajaí no Estado de Santa Catarina. Foram participantes desta investigação vinte e dois sujeitos todos do sexo feminino de idade entre vinte e quarenta anos. A geração dos registros analisados se deu durante a pesquisa participante na realização de quatro oficinas pedagógicas. Nestas, foram discutidos textos literários, tendo como pano de fundo o planejamento na sociedade e na escola. Durante as discussões, foram trazidos à tona pelas alunas, tópicos relacionados ao planejamento como um todo, ou ainda, como se sentiam quando se deparavam com alguma situação que envolvesse



planejamento. Foram então, convidadas a registrar, através de um pequeno texto, as reflexões que tiveram sobre o que é planejar, sendo que, não era necessário se identificar.

De acordo com Orlandi (2001, p.16), o texto é a “unidade fundamental da linguagem”, é uma maneira de observar a relação, sempre aberta, mutável, que o sujeito estabelece entre si e o mundo. Os textos destas alunas, neste sentido, deixam de ser documentos para se tornarem monumentos (ORLANDI, 2001, p.13), que serão por nós observados com o auxílio da Teoria das Representações Sociais. Esta teoria auxilia na compreensão de como se dá a articulação entre sujeito e sociedade e como esta relação se constrói (JOVCHELOVITCH, 2000). Para isso Moscovici (1978) propõe o conceito de representações sociais levando em consideração tanto os processos cognitivos como sociais. “Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e da comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI 1978, p.26).

As representações se manifestam nas palavras, nos gestos, nas ações e precisam ser entendidas a partir do contexto, das interações sociais. É conhecendo o cotidiano que compreendemos as construções que dele emanam.

Moscovici (2003) menciona que criamos representações sociais para tornar algo não-familiar em familiar. “A estrutura de cada representação tem duas faces tão pouco dissonantes quanto a página da frente e o verso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica” (MOSCOVICI, 1978, p.65). Desta configuração estrutural das representações podem ser extraídos seus processos formadores. A duplicação de um sentido por uma figura, onde se da materialidade a um objeto abstrato, ou seja, processo de objetivação. E a duplicação de uma figura por um sentido, onde se fornece um contexto inteligível ao objeto, processo de ancoragem (SÁ, 1996).

Segundo Moscovici (2003) ancoragem é um processo que transforma algo estranho em familiar, em nosso sistema de categorias. É como ancorar um bote perdido em uma lagoa em pontos sinalizados de nosso espaço social. “Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existem e ao mesmo tempo ameaçadoras”



(MOSCOVICI, 2003, p.61). Quando colocamos alguém ou alguma coisa em uma categoria estocadas em nossa memória estabelecemos uma relação positiva ou negativa com ela (MOSCOVICI, 2003). A “objetivação une a idéia de não familiar com a realidade, torna-se a verdadeira realidade” (MOSCOVICI, 2003, p. 71).

Cabe destacar que a Teorias das representações sociais está interessada na maneira com que as pessoas apreendem ou representam um objeto social. Estas representações são geradas através de dois processos: objetivação e ancoragem. Deste modo quando nos remetemos a representação social estamos focados na epistemologia do conhecimento cotidiano, ou seja, como os sujeitos sociais constroem e apreendem o conhecimento que guia suas ações.

Neste sentido como uma representação social é construída na sociedade onde vivemos? Qual a origem das representações sociais e como elas são estruturadas? Vimos anteriormente que representação social é uma modalidade de saber que tem uma função prática, criar uma realidade única, fazendo com que os sujeitos se reconheçam e possam se comunicar com os demais sujeitos. Segundo Moscovici (1978, p. 41) “as representações sociais são entidades intangíveis. Elas circulam cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano”.

É neste universo cotidiano que se efetiva como o campo de estudos da teoria das representações sociais. “Desde o início a teoria das representações sociais, o seu campo de estudo está associado a um interesse básico sobre as relações entre ciência e sociedade. A difusão da ciência na sociedade é o foco dos estudos que envolvem o senso comum” (SPINK, 1998, p. 118).

Moscovici (1978) descreve três fases evolutivas das representações: a fase científica (criação das concepções ou conceitos do que é planejamento); a fase de criação das representações (sua difusão e a criação das representações na sociedade); a fase ideológica (a apropriação e o uso dessa representação por um grupo de instituições). Deste modo, as representações sociais que circulam em nossa sociedade são abastecidas pelas várias ciências que analisam as mais diversas temáticas. “As relações temáticas estão fundamentadas nos elementos que constituem nossas representações mentais dos acontecimentos” (MOSCOVICI, 2003, p.227). Moscovici (2003) reforça essa idéia de tema afirmando: “Temas



conceituais podem, então, ser considerados idéias-fonte (...) que geram uma nova axiomática na evolução de nossas representações do mundo” (p.242).

Em inúmeros lugares Moscovici salienta que toda representação social somente pode ser estudada em termos de idéias-fonte, que são as ciências que estruturam e formam uma série de campos semânticos, pacotes de discurso, que são facilmente demonstrados e transmitidos no meio social. “Toda representação social é constituída como um processo que se pode localizar uma origem, mais uma origem que é sempre inacabada, a tal ponto que outros fatos e discursos virão nutri-la ou corrompe-la” (MOSCOVICI 2003, p.218).

Este artigo analisa o processo de construção da representação social de planejamento educacional tentando localizar a origem dos pacotes discursivos que abastecem estes saberes. Primeiramente observaremos como a representação social de planejamento educacional é objetivada no grupo de alunas, depois focaremos no processo de ancoragem que está mais ligado ao contexto imediato em que os sujeitos estão inseridos. Para finalizar faremos um breve fechamento trazendo algumas reflexões sobre a relevância de se estudar a representação social de planejamento e como ela pode auxiliar nas ações das minorias na transformação da estrutura social já posta.

TRANSFORMAR IDÉIAS EM COISAS: A RACIONALIZAÇÃO NAS SOCIEDADES MODERNAS.

O processo de transformar idéias em coisas, a objetivação, tem a capacidade de serem representadas e integradas em um padrão denominado “núcleo figurativo, um complexo de imagens que produz visivelmente um complexo de idéias” (MOSCOVICI, 2003, p. 72). O núcleo figurativo, depois de aceito pela sociedade as pessoas acham fácil falar sobre tudo que se relaciona com ele, e devido a essa facilidade as palavras que se referem ou núcleo figurativo são usadas mais frequentemente. Essas idéias objetivadas e compartilhadas se transformando em um núcleo figurativo, quanto mais separada do seu ambiente natural, mundo simbólico, através do uso contínuo, mais ele adquire uma espécie de vida própria que vai gradualmente sendo separada da pessoa que lhe disse pela primeira vez.



Quando essa separação se efetiva, deixada solta na sociedade, ela é aceita como uma realidade, convencional, mas de qualquer forma uma realidade (MOSCOVICI, 2003).

As idéias objetivadas, no que diz respeito ao planejamento educacional, são compartilhadas pelos sujeitos que as repetem com maior facilidade, pois são percebidas no real.

“Planejamento é organização, pois tudo que fazemos e queremos que o resultado seja agradável devemos ser e ter organização para tudo” (sujeito 5).

“Planejamento é organização. Todo trabalho que você faz tem que ter uma organização...” (sujeito 15).

O planejamento é visto como um formalismo, uma atividade para manter o espaço organizado. Segundo Vasconcellos (1999) o planejamento pode se configurar como um elemento comprometedor de seu sentido e força, passando a ser uma ação formal, uma atividade desprovida de sentido, um burocratismo, gerando um desgaste na idéia de planejamento.

O planejamento aparece nos dizeres dos sujeitos como construído para a escola e não para nortear o trabalho do professor. Parece há um esvaziamento do conceito de planejamento que é antecipar uma ação.

“Planejamento é organização. (...) Manter as coisas em organização produz um ambiente com mais entendimento” (sujeito 12). *“Planejamento é organização. Devemos fazer planejamento para nos manter organizados...”* (sujeito 10).

Manter-se organizado pode representar que o planejamento está atrelado ao outro, planejar porque os outros mandam, ficando no plano da obrigação e não por ser uma necessidade do professor planejar sua ação.

Estas idéias que já foram objetivadas e formam o núcleo figurativo foram socialmente construídas em um intervalo temporal mais amplo, pois precisam de um intervalo maior para se cristalizar nas relações interpessoais (MOSCOVICI, 2003). Olhando a materialidade dos dizeres destes sujeitos podemos sintetizar algumas similaridades e sentidos. Para os sujeitos o planejamento é organização e serve para tudo o que fazemos, no trabalho e na vida em geral. Planejamos e organizamos para atingir resultados mais agradáveis produzindo um ambiente mais entendível.



Uma representação quando é compartilhada por todos e reforçada pela tradição ou pelo contexto ela constitui uma realidade social *sui generis*. Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna. O que é ideal gradualmente se torna material. “Ao criar representações nós somos como o artista, que se inclina diante da estátua que ele esculpiu e a adora como se fosse um Deus” (MOSCOVICI, 2003, p.41). A história do homem é um reflexo do seu pensar sobre o presente, passado e futuro. O homem pensa sobre o que fez, o que está fazendo, e o que vai fazer, com isso, organiza o que está ao seu redor. O homem no uso de sua razão sempre pensa e imagina o que quer fazer, isto é, as suas ações, até mesmo cotidianas e rudimentares. O ato de pensar não deixa de ser um verdadeiro ato de planejar (MENEGOLLA, 1997). Agora nos dizeres dos sujeitos: *“Planejamento é organização, pois tudo que fazemos e queremos que o resultado seja agradável devemos ser e ter organização para tudo”* (sujeito 5).

A idéia que planejar é organizar tudo parecem estar ligados ao processo de racionalização, que tiveram seu apogeu nas sociedades capitalistas modernas. A forma do moderno capitalismo ocidental foi fortemente influenciada pelo desenvolvimento das possibilidades técnicas. Seu desenvolvimento racional decorre da maneira direta da calculabilidade precisa e de fatores técnicos, ou seja, na medida em que as operações utilizadas pelos indivíduos são racionais, toda a ação individual das partes é baseada no cálculo e nas ciências que as justificam (WEBER, 1988).

A dimensão técnica do planejamento ganhou relevância na segunda metade do século XX. O planejamento passou a ser uma especificidade baseado na técnica racional, muitas vezes a serviço da economia (LÜCK, 1999). A idéia e a prática de planejamento no setor econômico começaram a ser formalizado no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, dada a necessidade de racionalização e de organização do ambiente de trabalho com vista a tomada de decisões e controle das políticas econômicas (SCAFF, 2007). No senso comum: *“Planejamento é organizar e ter planejado o que vai trabalhar...”* (sujeito 9). *“Planejamento é organização. Todo trabalho que você faz tem que ter uma organização...”* (sujeito 15).



O planejamento é um processo de previsão e de necessidade de racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis a fim de alcançar resultados concretos, em prazos determinados e em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original (MENEGOLLA, 1997).

Deste modo a parte objetiva da representação social de planejamento, construídas por este grupo de alunas do curso de magistério, futuras professoras, parece estar em torno do processo de racionalização das relações interpessoais das sociedades modernas. Este processo foi adotado pelo capitalismo e enrijeceu os espaços de trabalho, sempre focados na otimização e na geração de resultados. “Como resultado de tudo isso, esta versão de economia concebe uma imensa área da conduta humana como irracional, uma vez que, dentro de sua prática, tudo que vai além do individualismo e tudo o que diverge um pouco de modelo de capitalismo entra, por definição, no domínio da irracionalidade” (MOSCOVICI, 2003, p.126).

Cabe sublinhar que o processo de racionalização que se instala no sistema capitalista formando núcleos figurativos pertence a um construto sócio-histórico mais amplo, tempo necessário para que as imagens geradas no coro coletivo, composto por milhares de pessoas, possam se materializar nos meios sociais contemporâneos, sendo utilizado nos mais diferentes grupos sociais. Neste sentido estamos diante da parte figurativa ou objetivada da representação social de planejamento. Vamos a seguir analisar a parte conceptual desta representação e a origem de seu conteúdo.

O CONTEXTO IMEDIATO E O PROCESSO DE ANCORAGEM.

Ancorar é basicamente o processo de transformar uma idéia não-familiar em familiar, classificando-a, nomeando-a segundo nossas pertencas, é tornar concreto. “Classificar algo significa que a confinamos a um conjunto de comportamento e regras que estimulam o que é, ou o que não é, permitindo em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe” (MOSCOVICI, 2003, p.63).

A sociedade é composta por uma série de instituições, uma delas é o sistema educacional. Muitas das representações que se dinamizam na sociedade podem se



desenvolver em alguns destes espaços sociais. Como é o caso do planejamento que pode ser discutido na educação e em várias instituições sociais. No sistema educacional o planejamento pode ser discutido em vários níveis: o planejamento curricular; o projeto político-pedagógico; o plano de curso; plano de ensino e plano de aula (VASCONCELOS, 1999).

“Planejamento é criatividade. Os professores precisam ser muito criativos para assim despertar o interesse dos alunos” (sujeito 1). *“Planejamento é dedicação, pois temos que nos dedicar ao máximo para fazer um bom planejamento, que seja de interesse do aluno. Se dedicar para inovar, apresentar conteúdos novos de maneira diversificada. Temos que ter amor pelo que fazemos”* (sujeito 11).

Os saberes ligados ao planejamento são ancorados em estruturas conceituais, imagens, que são construídas nas experiências dos sujeitos no espaço da educação onde estão se formando futuras professoras. Deste modo o movimento de racionalização continua atuando no espaço de ação desta alunas. *“Planejamento é dedicação, pois temos que nos dedicar ao máximo para fazer um bom planejamento, que seja de interesse do aluno”* (sujeito 11). O planejamento se materializa na forma de um plano de ensino que é um processo de decisão sobre a atuação concreta dos professores, no cotidiano de seu trabalho pedagógico, envolvendo as ações e situações, em constante interação entre professor aluno e entre os alunos (PADILHA, 2001). Quando os sujeitos escrevem que planejar é importante para aumentar o interesse do aluno podemos observar a relação entre plano de ensino, professor e aluno. Ou seja, o planejamento faz parte dessa interação.

“Devemos fazer planejamento para nos manter organizados nos diversos conteúdos e também organizar atividades que propiciem interesse para com as crianças” (sujeito 10). *Eu acho que para montar um planejamento precisamos de conhecimento para escolhermos o conteúdo, as atividades e conhecimento para elaborar”* (sujeito 4). *Se dedicar para inovar, apresentar conteúdos novos de maneira diversificada. Temos que ter amor pelo que fazemos”* (sujeito 11). Aqui observamos que é importante planejar para que se possa organizar os conteúdos. O plano de aula é um instrumento de trabalho que especifica os comportamentos esperados do aluno e os conteúdos, procedimentos e recursos que serão utilizados para sua realização, buscando sistematizar todas as atividades que se desenvolvem no



período de tempo em que o professor e aluno interagem, numa dinâmica de ensino e aprendizagem (SANT'ANNA, 1992).

Para sintetizar, o processo de racionalização que está presente na face figurativa da representação social de planejamento é ancorado nos saberes mais próximos, relação professor-aluno e nos conteúdos que precisam ser ensinados em sala, presentes no contexto da educação e no curso de magistério onde então situadas os sujeitos desta pesquisa. Destacamos que os processos de ancoragem e de objetivação derivam da própria estrutura da representação social a face figurativa e conceptual e que as duas são indissociáveis.

Mas, por que criamos representações sociais? “Criamos representações para tornar o não-familiar em familiar” (MOSCOVICI, 2003, p. 78). A rigor esta proposição nos remete ao processo de objetivação e ancoragem em que transformamos uma coisa não-familiar em familiar, e é exatamente para isso que estes dois processos servem. Assim, “o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar” (MOSCOVICI, 2003, p.78).

SOBRE O SOCIAL E O INDIVIDUAL

Os aspectos discutidos neste artigo, sobre o qual iniciamos um processo de reflexão, possibilita apontar que este grupo de alunas do curso de magistério, compartilha alguns sentidos do que é planejamento educacional o que caracteriza certo grau de homogeneidade no grupo. Para aprofundar a análise, seria interessante lançar olhares sobre as singularidades que aparecem nos dizeres dos sujeitos.

A argumentação aqui desenvolvida indica que o planejamento deste grupo de alunas futuras professoras pode estar vinculada aos processos de racionalização que atinge as sociedades capitalistas e que acaba penetrando no espaço escolar na forma de plano de ensino e plano de aula. As vozes da sociedade e do espaço escolar, dois ambientes que podem estar atrelados à difusão de ideologias que seria a última fase da difusão das representações sociais, ou seja, quando ela é utilizada por um grupo de instituições sem ser questionada. Porém, quando utilizamos as palavras compartilhamos das idéias de planejamento, não queremos nos referir a



uma representação social hegemônica sobre planejamento, aquele tipo de representação que varre toda a sociedade, como queria Durkheim com as representações coletivas, mas o conceito de planejamento deste grupo social, o que estes sujeitos pensam sobre planejamento. Estes sentidos apontados para o que é planejar, neste viés, só são construídos porque estes sujeitos estão circundados e são integrados por aspectos sociais muito particulares. Em outras palavras: apesar da representação social de planejamento estar atrelada ao processo de racionalização dos espaços sociais, a conjuntura de fatores que permitiu que os sujeitos fizessem a leitura que fizeram do que é planejamento talvez não fosse a mesma em outro contexto. Poderíamos utilizar a seguinte metáfora para esclarecer esse raciocínio: há, entre os sujeitos e os objetos sociais, um “filtro”, que funciona como um dispositivo de ressignificação, estruturado no contexto.

O processo representativo tem um papel fundamental na remodelação e na difusão diferenciada de ideologias entre os grupos sociais e os indivíduos. A identidade do indivíduo, ou seja, a representação que ele faz de si mesmo, atua como uma espécie de filtro ou de decodificador do discurso, conferindo-lhe um determinado sentido. Este depende do lugar onde se situa o interlocutor. O indivíduo projeta sua identidade no objeto que representa (ANDRADE, 2000).

Estes sujeitos criam representações sociais de planejar que, talvez, não fossem compartilhados por outros grupos, em contextos diferentes e com outra identidade. Conhecendo a representação social de planejamento podemos dar indicativos da identidade do grupo o que propicia a ação social, do planejamento das políticas públicas e da estratégia de ação das minorias ativas. Assim, a representação social de planejamento é uma construção social e individual ao mesmo tempo, uma integrando a outra, formando o que poderíamos chamar de passarelas que unem o indivíduo ao social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE M. A. A. **A identidade como representação e a representação como identidade.** In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. **Estudos interdisciplinares de representação social.** 2. ed. rev. Goiânia: AB Ed, 2000. xvii, 307 p, il.



JOVCHELOVITCH, S. **Representações Sociais e Esfera Pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LUCK, H. **Planejamento em orientação educacional**. 11^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 128p.

MENEGOLLA, M; SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?** 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 159 p, il.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291p, il. (Psyche). Tradução de La psychanalyse: son image et son public.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p. (Psicologia social). Tradução de: Social representations explorations in social psychology. Nyaradi (2007).

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas : Pontes, 2001.

PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1996.

SANT'ANNA, F. M. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11. ed. Porto Alegre: Sagra, 1992.

SCAFF, E. A. S. **Cooperação internacional para o planejamento da educação brasileira: aspectos teóricos e históricos**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v.88, n219, p.331-344, maio/ago, 2007.

SPINK, M. J. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologias das representações sociais**. In: GUARESCHI, P. A; JOVCHELOVITCH, S. Textos em representações sociais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 321p, il.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. 2. ed. São Paulo: Libertad, 1999. 171p, il.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalista**. 4. Ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1988. 233p il.